

## **FELICIDADE CLADESTINA DE CLARICE LISPECTOR: AS RELAÇÕES DE PODER**

Maria da Luz Duarte Leite Silva (UERN)  
lulinhaduarte@hotmail.com

### **I - CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

No período de 1930 – 1945, tanto a Literatura quanto as Artes Plásticas no Brasil foram essencialmente ideológicas, trazendo para a arte literária um tratamento renovado. Clarice Lispector se destaca por subsidiar do “fluxo da consciência,” e da introspecção psicológica, como forma de apresentar as ações de suas personagens. Vale destacar que a introspecção psicológica, já era praticada por outros escritores (como James Joyce e Virgínia Woolf), desde o realismo do século XIX.

Partindo de casos aparentemente banais, Lispector se volta para a interioridade das personagens, fazendo refletir sobre o sentido de sua existência e do estar no mundo. É justamente a consciência do existir das personagens lispectorianas que irá subsidiar no entendimento das relações de poder.

A finalidade deste artigo é discutir a relação de poder na narrativa de Lispector, subsidiando da teoria do “poder” na perspectiva foucaultiana. É com base no poder enquanto prática social que discutiremos as relações de poder em *Felicidade Clandestina* de Lispector, pelo fato do poder ser visto por Foucault (2004) como prática social

Norteando-nos pela teoria de Foucault, analisaremos o conto *Felicidade Clandestina* de Lispector e suas relações de poder, a partir do discurso das personagens do conto em questão. Assim sendo, buscamos compreender, como diz Foucault, a verdade do discurso e como este se transforma em poder. Vale salientar que o poder que buscamos compreender no conto *Felicidade Clandestina* de Lispector se refere ao poder enquanto efeito de construção da subjetividade.

Vale lembrar que, as narrativas de Lispector apresentam em sua grande maioria a condição do sujeito feminino numa sociedade arraigada ao sistema patriarcal e preconceituoso, pois a mulher é vítima de coerção e repressão. Isso, sugestivamente, ocorre devido às relações de poder que são impostas pela ideologia dominante. Assim, é a partir do discurso das personagens de *Felicidade Clandestina* que procuramos compreender as relações de forças.

A partir do exposto, buscamos entender também a intencionalidade de Lispector no que se refere às relações de poder das personagens do conto em questão, uma vez que, nas obras da autora principalmente nos contos, há uma presença constante de fatos do cotidiano das pessoas, bem como, de animais. Entendemos que a sua pretensão é retratar as relações sociais dentro da linguagem literária, desnudando o ambiente cotidiano de relações instáveis. Para tanto, na obra em questão, Lispector mostra o cotidiano da burguesia norteando-se nas representações do poder, pois observamos a presença de forças, como o material, o simbólico, o do culto ao corpo, o econômico, dentre outros.

### **II - RELAÇÕES DE PODER EM FELICIDADE CLANDESTINA**

O conto *Felicidade Clandestina*, de Lispector, é uma narrativa que fala de uma personagem-narradora que gostava muito de ler, porém, por ter uma situação financeira precária, não podia comprar os livros que desejava ler, e uma de suas colegas de sala de aula era filha de um livreiro, tendo o poder econômico em suas mãos. A menina que gostava de ler apresentava a beleza que é conduzida pelo discurso dominante. Para reforçar nossa fala,

reportamo-nos a Lispector (1998, p.9) “como essa menina devia nos odiar, nós que éramos imperdoavelmente bonitinhas, esguias, altinhas, de cabelos livres”, ou seja, a partir dessa fala podemos perceber que o discurso de beleza da personagem-narradora faz-nos refletir a respeito da questão do discurso de beleza enquanto constructo da conduta da pessoa. A menina possuidora do livro apresentava características físicas inferiores a ideologia de beleza imposta pela sociedade. O que se observa em Lispector:

Ela era gorda, baixa, sardenta e de cabelos excessivamente crespos, meio arruivados. Tinha um busto enorme, enquanto nós todas ainda éramos achatadas. Como se não bastasse, enchia os dois bolsos da blusa, por cima do busto, com balas. (LISPECTOR, 1998, p.9)

Esse trecho do conto apresenta certa inferioridade de beleza da personagem (a dona do livro), levando-nos a acreditar que o discurso do culto ao corpo é uma maneira que Lispector subsidia nesta narrativa para mostrar que o não dito, ou melhor, que o discurso silenciado da filha do livreiro, transforma-a em uma pessoa que não diz por que age com crueldade com a menina leitora, mas manifesta, pela ação, certo poder sobre a personagem-narradora. Isso é patente no trecho a seguir: “comigo exerceu com calma ferocidade o seu sadismo. Na minha ânsia de ler, eu nem notava as humilhações a que ela me submetia: continuava a implorar-lhe emprestados os seus livros que ela não lia”.( LISPECTOR, 1998, p.9)

Foucault (2004, p.166) mostra como o poder se manifesta no discurso

O discurso, assim concebido, não é a manifestação majestosamente desenvolvida de um sujeito que pensa, que conhece e que sabe o que diz é, ao contrário, um conjunto em que podem ser determinado a dispersão do sujeito e sua descontinuidade em relação a si mesmo.

Consideramos que a filha do livreiro procura, através do seu poder econômico, exercer poder em relação à personagem-narradora, talvez por não possuir a beleza da mocinha desejada, inconscientemente praticava o poder como violência simbólica. A título de exemplo, temos em Lispector (1998, p.10) a explicitação das humilhações sucessivas praticadas contra a personagem-narradora, o que fez com que a protagonista se dirigisse a sua casa várias vezes, apresentando que o livro tão desejado “As Reinações de Narizinho” de Monteiro Lobato, não estava no momento em sua posse, usando as expressões “venha no dia seguinte”, “disse-me que eu passasse pela sua casa no dia seguinte e que ela o emprestaria”.

Vemos que a menina gorda desejava, mesmo que “inconscientemente” (FOUCAULT, 2004, p.170), exercer um poder sobre a menina de classe desfavorecida. Hipoteticamente, isso ocorre como forma da menina de classe econômica privilegiada se vingar da colega que apresentava os padrões de beleza impostos pela sociedade, usando do seu poder econômico como manipulador se vingando por sua inferioridade, no caso a beleza, pois não possuía o poder do discurso do culto ao corpo. Lispector (1998, p.10) mostra que:

O plano secreto da filha do dono da livraria era tranquilo e diabólico. No dia seguinte lá estava eu a porta de sua casa, com um sorriso e o coração batendo. Para ouvir a resposta calma: o livro ainda não estava em seu poder, que eu voltasse no dia seguinte [...] e assim continuou. Quanto tempo? Não sei. Ela sabia que era tempo indefinido, enquanto o fel não escorresse todo de seu corpo grosso.

Percebemos que, ao caracterizar a menina como sardenta, cabelos crespo, gorda, Clarice está mostra o jogo do poder e suas relações com o saber. É tanto que, ao apresentar características de superioridade econômica, a menina desprovida de beleza coloca a protagonista–narradora num patamar de desigualdade, deixando transparecer a questão do jogo do poder, pois sabia que a sua colega não podia comprar o livro desejado, assim, procurou estratégias para manipular, ou melhor, usava da violência simbólica que perdura no cotidiano dos sujeitos. Daí que as personagens do conto em questão se encontram em situações entrelaçadas pelas relações de poder, Lispector (1998, p.10) reforça nossa fala:

No dia seguinte fui á casa, literalmente correndo. Ela não morava num sobrado como eu, e sim numa casa. Não me mandou entrar. Olhando bem para os meus olhos, que havia emprestado o livro a outra menina, e que eu voltasse no dia seguinte para buscá-lo.

Nem mesmo a mãe da menina gorda, dona do livro, conhecia a identidade de sua filha, pois ao observar a presença daquela menina em sua porta por várias vezes, bem como seu silêncio, se surpreende com a atitude de sua filha. Lispector (1998, p.11) elucida que:

Até um dia quando eu estava à porta de sua casa, ouvindo humilde e silenciosa a sua recusa, apareceu sua mãe. Ela devia estar estranhando a aparição muda e diária daquela menina a porta de sua casa. Pediu explicações a nós duas.

Podemos perceber que a violência simbólica nesta ação da personagem gorda sobre a menina magra, ou leitora, se dá mediante a imposição das várias idas à sua casa, e a negação da posse do livro constituem um tipo de violência, pois o poder econômico prevaleceu sobre o discurso do poder do culto ao corpo.

Observamos que no momento em que a mãe da menina abastarda descobre aquele comportamento mesquinho de sua filha, surge no conto uma nova forma de poder, o disciplinar. Foucault (2009, p.164) em *Vigiar e punir* define o poder disciplinar como:

O poder disciplinar é, com efeito, um poder que em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior “adestrar”; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor. Ele não amarra as forças para reduzi-las; procura ligá-las para multiplicá-las e utilizá-las num todo.

Ao perceber a perversidade da filha a mãe da menina gorda tenta corrigir a sua ação perversa: “Voltou-se para a filha e com enorme surpresa exclamou: mas este livro nunca saiu daqui de casa e você nem quis ler! [...] Você vai emprestar o livro agora mesmo [...] E você fica com o livro por quanto tempo quiser”. (LISPECTOR, 1998, p.11)

Entendemos que nesse momento a narradora-personagem apresenta certa satisfação representando o que podemos chamar de subversão de poder, pois mesmo não tendo dinheiro para adquirir o livro, naquele momento, pela ação da “mãe boa”, a narradora-personagem sentia-se regozijada. “Valia mais do que me dar o livro, pelo tempo que eu quisesse, é tudo que uma pessoa, grande ou pequena, pode ter a ousadia de querer.” [...] “chegando em casa não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter”. (LISPECTOR, 1998, p.11-12).

Vemos que a menina de poder econômico subalterno era vítima de um discurso que a colocava numa situação de desigualdade, uma vez que subvertia o que prevalecia a

supremacia do poder econômico sobre o discurso ou poder do culto ao corpo. Foucault (1992, p.183) reporta ao poder como:

Não é algo que possa dividir entre aquele que possuem e o detém exclusivamente e aqueles que não possuem e lhe são submetidos. O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, melhor dizendo, é visto em uma prática social.

Compreendemos que as narrativas de Lispector apresentam inovações em sua composição, como o fluxo de consciência, a introspecção psicológica, a epifania, dentre outras. Dessa forma, as suas obras necessitam que o leitor apresente certa capacidade crítica, uma vez que os contos da autora, em sua grande maioria, apresentam um único episódio, que serve de conflito.

Além disso, a preocupação da autora recai sobre a interioridade de seus personagens, dando importância a repercussão dos fatos, e não os fatos em si. As suas narrativas costumam apresentar situações da vida diária com certo lirismo, assim o que é incomum penetra o cotidiano corriqueiro dos sujeitos, trazendo à tona às violências doméstica de homens e mulheres. Nunes (1989, p.83) elucida que “Como já se tem afirmado, o conto de Clarice Lispector respeita as características fundamentais do gênero, concentrado num só episódio, que lhe serve de núcleo, e que corresponde a determinado momento da experiência interior”. Isso é o que acontece no conto “Felicidade Clandestina,” pois toda a narrativa gira em torno da busca da posse de um livro e suas relações de poder.

Foucault (2004, p. 160) apresenta que o poder deve ser visto como algo não localizável, como espaço onde encontramos o saber e o poder, ao afirmar que “o poder não é mais localizável, mas multidirecional, espalhado como micro-poderes - grãos de poderes na mesa social”. Foucault ainda afirma que (2004, p. 166) “as relações discursivas são definidas no próprio discurso, no seu limite”.

Dessa forma, observamos na fala de Foucault que o mesmo procura buscar a legitimidade do discurso, não interessando a questão de verdade ou falsidade, sendo o discurso tomado como prática descontínua.

### **III - O PODER DO DISCURSO DO SILÊNCIO**

O silêncio aparece nas três personagens do conto. Na menina filha do livreiro surge quando a mesma subsidia do seu poder econômico para humilhar a sua colega que apresenta o padrão de beleza imposto pela ideologia social. “Ela era gorda, baixa, sardenta [...]”. Na narradora-personagem o silêncio é uma resposta à sua colega que a humilha, “quando eu estava à porta de sua casa”, ou “vendo humilde e silenciosa a sua recusa apareceu a mãe”. E na mãe, o silêncio também emerge, só que de uma maneira diferente. O seu silêncio indicava que ela procurava entender o que se passava. “Ela nos espiava em silêncio” (LISPECTOR, 1998, p. 9).

Dessa forma, compreendermos que os diferentes silêncios apresentados pelas personagens do conto “Felicidade Clandestina,” de Lispector, mostram-nos como o poder silenciado também é uma forma de manifestação, visto que o discurso interior pode exteriorizar-se como um discurso não-dito, podendo se manifestar nas ações dos sujeitos. Reportamo-nos em Lispector (1998, p. 11) para exemplificar o que afirmamos sobre o discurso não-dito “houve uma confusão silenciosa, entrecortada de palavras pouco elucidativas”.

Apesar das personagens apresentarem palavras pouco elucidativas, suas ações fazem-nos entender o discurso silenciado das mesmas. Foucault (2004, p.169) no livro *M.*

*Foucault e Os Domínios da Linguagem: Discurso, Poder e Subjetividade*, apresenta explicações para a questão do discurso silenciado. “A idéia é a de que há restrições no ato de falar que são tanto internas como externas. Há uma política de silenciamento daquilo que oferece perigo, que transgride a norma”. (FOUCAULT, 1998, p. 169),

Compreendemos que, para Foucault o silêncio é um tipo de discurso que se usa por não podermos dizer coisa que é contrária as regras sociais. Para o autor, “nem tudo pode ser dito, e o que ameaça a ordem social deve ser proibido”. (p.169). Observamos que o silenciamento da narradora-personagem em relação a crueldade de sua colega revela “as relações de força, uma vez que as condições econômicas e sociais não são dadas previamente aos indivíduos. A partir do momento em que a “mãe boa”, como diz a personagem-narradora, ordena que a filha entregue o livro para a menina que era humilhada por sua filha, presenciemos uma manifestação da personagem-narradora contra o poder enquanto violência simbólica. Isto é nítido em *Lispector*:

[...] Eu estava estonteada, e assim recebi o livro na mão. Acho que eu não disse nada. Peguei o livro. Não, não saí pulando. Como sempre, saí andando bem devagar [...] chegando em casa não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter. Havia orgulho e pudor em mim. Eu era uma rainha delicada. (LISPECTOR, 1998, p.12).

Vemos nessa passagem do conto que o poder de possuir o livro é uma questão vista nas duas meninas, pois entender que ser dona do livro existia implicitamente o poder sobre os que não tinham esse recurso material. Já a menina de poder subalterno mostra, quando de posse do livro, certo poder, mesmo que este seja clandestino, pois não nem acreditava que estava de posse do livro. O poder pessoal, para Foucault (1998) é visto como a capacidade de que uma pessoa, decidida, possa obter de outra pessoa, entidade ou grupo de pessoa o que deseja. *Lispector* (1998, p. 12) exemplifica esse fato: “Às vezes sentava-me na rede, balançando-me com o livro aberto no colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo. Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com seu amante”.

Percebemos que as relações de poder mudam de direção, quando a “mãe boa” entrega o livro a menina leitora, quebrando o paradigma imposto pela ideologia dominante em relação a prevalência do poder econômico, pois mesmo não tendo condições para comprar o livro desejado, a menina, que foi tanto humilhada desfez o protótipo das diferenças impostas pela sociedade. Daí a significação do tema do conto “*Felicidade Clandestina*.” O ter acesso ao livro era uma felicidade clandestina para aquela criaturinha que humilhada, pois mesmo não possuindo condições de comprar livros, podia, mesmo que temporariamente, ter a posse do livro tão desejado, quebrando as fronteiras da ilegalidade.

Vemos que o poder da linguagem é mostrado por *Lispector* de maneira brilhante, pois os diversos poderes estão presentes na linguagem literária. Foucault (2005, p. 144) vem reforçar a questão da verdade da linguagem mostrando que “[...] a linguagem verdadeira, quando é introduzida em uma linguagem, para lhe dar como que uma dimensão sagital que não lhe pertence naturalmente”. Para este autor, a linguagem é verdadeira na medida em que apresenta um direcionamento, por isso a relação de poder do discurso das personagens de *Felicidade Clandestina* é um exemplo que traduz a noção de poder, pois, mesmo que inconscientemente, as personagens deste conto subsidiam do saber para aquisição do poder discursivo.

Foucault (2000) apresenta que a linguagem é o mecanismo que possibilita compreendermos os discursos, e que sejamos compreendidos, e que é a partir das relações das linguagens, ou discursos, que compreendemos as diferentes relações de poder existentes em nossa sociedade. Este autor fala sobre o exercício do poder dizendo:

Onde há poder ele se exerce. Ninguém é, propriamente falando, sem títulos; e, no entanto, ele sempre se exerce em determinada direção, com uns de um lado e outros do outro; não sabe ao certo quem detém, mas se sabe que não o passou... A luta se desenvolve em torno de um foco particular de poder. (FAUCAULT, 2000, p.75-76),

Para Foucault não detemos o poder, pois o mesmo existe dentro da interlocução, ele é exercício. Dessa forma, entendemos que o poder faz parte da vida de todos os sujeitos sociais, dependendo para sua manifestação do saber.

No momento em que a personagem-narradora está de posse do livro ela se transforma de menina a mulher, pois ao adquirir algo aparentemente impossível para as suas condições econômicas, consegue o tão desejado livro *As Reinações de Narizinho* de Monteiro Lobato. Podemos perceber isto no seguinte trecho e Lispector (1998, p. 12) “não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com seu amante”.

Para Foucault (2005, p.148), o poder é visto como algo de grande multiplicidade, automática e anônima, quando fala:

O poder é múltiplo, automático e anônimo. Logo, não se pode possuí-lo “como uma coisa”, tampouco usufruí-lo “como uma propriedade”. Ademais, seu funcionamento articula-se como “uma rede de relações de alto e baixo, mas também até certo ponto de baixo para cima e lateralmente. Essa rede ‘sustenta’ o conjunto, e o perpassa de efeitos de poder que se apóiam uns sobre os outros: fiscais perpetuamente fiscalizados”.

Nesse sentido, as relações de poder entre as personagens do conto “Felicidade Clandestina,” de Lispector, são exemplos de que as relações de força, ou melhor, de poder, não são dadas previamente às pessoas, mas essas acontecem entre diferentes contextos sócio-político-econômicos, bem como depende de como o discurso se articula. Foucault (1996, p. 26) aponta que “as relações de força, as condições econômicas, as relações sociais não são dadas previamente aos indivíduos”. Para ele o discurso se processa quando há compreensão dos interlocutores, ao afirmar que: “Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder.”

A partir disso, podemos dizer que as relações de poder no conto em questão são evidentes, uma vez que pudemos perceber que o discurso das personagens mostrava a relação saber/poder. Para Foucault (2005, p.14) o “discurso é o espaço onde se aloja o saber e o poder” é a manifestação do poder.

É considerando a relação linguagem e literatura que conseguimos compreender as relações de poder, no conto “Felicidade Clandestina” de Lispector, pois como diz Foucault (2005, p.145) “Parece-me ao contrário, que a literatura não é absolutamente, feita de um inefável. Ela é feita de um não inefável, de algo que, portanto, poderia se chamar de fábula, no sentido rigoroso e originário do termo”. Munõz (2007) caracteriza o trabalho de Foucault dividindo em três partes; saber, poder e subjetividade. Assim, é norteando dessas três partes do trabalho de Foucault que adquirimos suporte para nosso estudo.

#### **IV - CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Constatamos no conto “Felicidade Clandestina,” de Lispector, que existe no discurso das personagens diversos poderes, como o poder como violência simbólica, o poder do não-dito, o poder econômico, o poder enquanto culto ao corpo, ou conduta de beleza. Foucault

(2005) mostra-nos que o poder não é total, nem unilateral, pois para ele onde há poder e saber existe resistência.

Entendemos que apesar do poder material ou econômico prevalecer durante quase toda a narrativa, a personagem-narradora não desistiu de alcançar seu objetivo, mostrando que se pode, quando dono do saber, reverter o poder da ideologia burguesa de que o poder econômico perdura sobre os demais poderes, colocando as pessoas em patamares de desigualdade.

Sugestivamente, Lispector faz-nos entender como a mulher se vê dentro das relações de poder imposto pela ideologia dominante, uma vez que a condição feminina é uma constante em suas narrativas. É tanto que, as narrativas de Clarice não se preocupam com os fatos em si, mas com a individualidade das suas personagens.

Entendemos que a literatura de Lispector apresenta-se de uma forma que há um entrelaçamento entre personagens e narrador, trazendo o que Bakhtin denomina de polifonia, onde as personagens não são escravos mudos, todas têm vez e voz, facilitando com isso, a análise dos discursos e suas relações com os diferentes poderes.

Tais considerações revelam-nos que o poder se configura como algo transitório. É tanto que, presenciemos no conto evidências diversas de transições de poderes, levando-nos a compreender que é nas relações cotidianas que se dão as diversas relações de forças, pois por trás de todo saber, de todo conhecimento, o que está em jogo é a luta pelo poder.

Podemos dizer que no conto estudado a questão da luta pelo poder é uma patente, uma vez que a personagem-narradora consegue, embora clandestinamente, exercer certo poder sobre sua colega que tanto a humilhou. Vemos que essas ações do poder exercido por essa menina não são negativas, mas positivas, pois por meio do poder disciplinar da “mãe boa” a personagem-narradora realizou o seu sonho que era a posse do livro *As Reinações de Narizinho* de Monteiro Lobato, desencadeando o que chamamos de subversão de poder.

No conto analisado, a personagem-narradora mostra um desejo e esse apresenta-se de maneira positiva, pois a sua realização não prejudica a ninguém, mesmo porque quer vivenciar o encontro do prazer com a leitura. Já a filha do livreiro apresenta atitudes negativas, mesmo possuindo todos os bens materiais que deseja, usa do seu poder econômico para adiar a felicidade da protagonista. A antagonista que tortura a sua colega não consegue promover o encontro da epifania com a felicidade.

Observamos ainda, que a pesar da personagem-narradora ser pobre, possuía algo que a antagonista não tinha, que era cabelos livres, o prazer de ler, era magra, atendia aos padrões de beleza impostos pela sociedade. A antagonista só levava vantagem nas condições econômicas. Podemos dizer que nessas relações dialógicas entre as duas meninas apresentam o desenvolvimento de uma série de oposições que problematizam diferentes formas de poder.

## V - REFERÊNCIAS

ABDALA Junior, Benjamin. CAMPEDELLI, Samira Youssef. *Tempos da Literatura Brasileira*, São Paulo Ática, 1990.

*A violência simbólica*. Entrevista a Peerre. Boudieu. Na Enciclopédia Multimediale delle scienze Filozofiche da RAI. Consultado: 31/03/2008.

FOUCAULT, M. *Poder – Corpo*. In: \_\_1988. Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_. *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Vozes, 1972.

\_\_\_\_\_. *A Ordem do discurso. Aula Inaugural no Collège de France*. São Paulo: Edições Layla, 1996.

\_\_\_\_\_. *Vingar e Punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramallete. 36ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

\_\_\_\_\_. *História da Subjetividade da sexualidade 1:a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1998.b

\_\_\_\_\_. *Microfísica do Poder*. (org.) Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições, 1979

\_\_\_\_\_. *A Vida dos homens Infames e a Escrita de Si*. In: *O que é um Autor*. Lisboa, Veja, 1992

\_\_\_\_\_. *Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade* / Vanice Sargentini, Pedro Navarro Barbosa – São Carlos: Clara Luz, 2004.

LISPECTOR, Clarice. *Felicidade Clandestina*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

NUNES, B. *O Drama da Linguagem: uma leitura de Clarice Lispector*. São Paulo: Editora Ática, 1995.

XAVIER, E. C. de F. *Tudo no feminino: a presença da mulher na narrativa brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.